

# Diversão & Arte

## MARIO

Engenhocas voadoras, robôs e princesas povoam *Super Mario Galaxy: O filme* na volta do personagem intergaláctico

Cena de *Super Mario Galaxy: O filme*



UPI/Divulgação

## ...e as GALÁXIAS

» RICARDO DAEHN

Quase três anos passaram e o time do primeiro longa-metragem animado em torno do fenômeno dos jogos eletrônicos da Nintendo — que faturou US\$ 1,3 bilhão — retorna: constam os diretores Aaron Horvath, Michael Jelenic e Pierre LeDuc, isso além de o mesmo roteirista, Matthew Fogel. A equipe é idêntica, mas a proposta parece ter mudado *Super Mario Galaxy: O filme*, com o produto mais infantilizado. Engenhocas voadoras, robô gigante, e princesas estão no cotidiano de pequenas estrelas (que se proliferam), que, em momentos ternos, esperam pelo sono, ao sinal do que indica a mãe delas, a princesa Rosalina: “é (ouvir) historinha, e caminha”.

Autor do roteiro de *Minions 2: A origem de Gru*, Matthew Fogel administra personagens que objetivam a destruição do Reino Cogumelo e até mesmo do universo. Dentro das possibilidades, eles até são engraçados — mas a atenção maior recai sobre os heróis, metidos em cenários e situações que emulam os palácios da Disney e um quê de Guardiões da Galáxia. Depois de capturada, Rosalinda, sem saber, abre espaço para que os irmãos Luigi e Mario tomem conta do Reino Cogumelo. Criada a narrativa em etapas, aventuras, dinâmicas e coloridas, vêm como que associadas à estética dos jogos.

Uma espécie de aeroporto, o portal celestial tem muita presença na história. Um personagem pontua também a dimensão do novato Yoshi, “dinossauro (que entra) do nada, e já é da galera?!”. Yoshi até tentou a convivência com humanos, mas estava destinado à inusitada parceria com os simpáticos irmãos encanadores. Fox McCloud, uma raposa habilitada para as viagens entre galáxias, também bate ponto no filme.

Num dos momentos mais divertidos, despontam as versões bebês para Mario e companhia, quando Luigi, bebê, comemora que “os pensamentos assustadores (dos adultos) desapareceram”.



Luma, entre as estrelas do filme

Até o nascimento do Senhor dos Ossos (ou Senhor Caveira) aparecer, a ação e muitas incertezas ficam fixadas na possibilidade de recaída, na maldade, do outrora monstruoso Bowser (rei dos Koopas, que ainda arrasta a “versão Jr”, seu filho). Entre ameaças e reencontros, afetividade e agressividade, o filme trata de sentimentos intensos. Atente para as duas cenas extras associadas aos créditos.

### Renovação de fé

Artista de muitas produções de cinema, especialmente integrado aos departamentos de arte de produções como *Dumbo*, *Trovão tropical*, *O Poderoso Chefão* e ainda a

série *Piratas do Caribe*, o diretor Mauro Borrelli assina, sob a intenção de perspectiva completa, o longa *A última ceia*.

No papel de Cristo, Jamie Ward circula junto aos apóstolos no Cenáculo (em Jerusalém), local que marcou episódios universalmente reconhecidos, antes de ele ser crucificado. Foi a partir de atenta observação de obra de Leonardo da Vinci (feita em fins do século 15), que o diretor se entusiasmou para recriar a escalada de traição, provas de lealdade e ainda a ressurreição — tudo retratado no filme.

No longa, Judas Iscariotes ganha



Cena de *A última ceia*

a interpretação de Robert Knepper, enquanto Nicodemos é papel reservado a Henry Garret e James Oliver Wheatley dá vida ao histórico personagem Pedro. Com momentos tensos, outros recheados de afetos, o filme se apoia na fé, para repasse de ensinamentos e de registros que

tocam o ritual do lava-pés e o despontar da eucaristia. Na produção, Vladislav Opelyants assina a direção de fotografia e Leo Z responde pela trilha sonora.

## PRIMÓRDIOS DO CINEMA PIAUIENSE

» MARIANA REGINATO

Do dia 3 de abril a 8 de maio, a mostra *Cinema Marginal Piauiense* exibe os primeiros filmes realizados no estado. Disponível no site da Cinelimita, todos os filmes foram gravados em Super 8, na primeira metade dos anos 1970. A primeira parte da mostra, que será exibida ainda este mês, fala sobre o sonho piauiense. Os filmes exibidos serão *O terror da vermelha*, de Torquato Neto, *Um sonho americano*, de Arnaldo Albuquerque, *Coração materno*, de Haroldo Barradas, *Miss Dora*, de Edmar Oliveira e David Aguiar de Durvalino Couto.

A curadoria da mostra teve como base principal pensar

em quais filmes podem ser localizados, digitalizados e desenvolvidos ao público. “A dimensão curatorial só começou a se estruturar a partir do momento em que compreendemos o que havia sido efetivamente resgatado. Com 18 obras desse período agora digitalizadas em novas cópias pela Cinelimita, passamos a pensar em como apresentá-las novamente ao público”, conta William Plotnick, idealizador da mostra.

Para ele, a mostra reúne um cinema jovem, rebelde, irreverente e profundamente livre, sem pretensão de ser profissional. “São obras feitas não para um público externo, mas para os próprios realizadores. Há nelas uma urgência criativa muito

Fotos: Divulgação



Os filmes *Coração materno*, de Haroldo Barradas, e *O terror da vermelha*, de Torquato Neto, estão na mostra on-line



clara, uma necessidade de inventar uma linguagem e afirmar uma voz onde antes não havia tradição cinematográfica. São filmes imperfeitos, por vezes desajeitados, mas também muito inventivos e cheios de humor, realizados sem estruturas formais,

muitas vezes sem tripé, com grande liberdade estética”, comenta William.

Naquele momento, fazer cinema em Teresina não era uma tarefa fácil por conta do acesso restrito aos equipamentos e revelação do material. “Ainda assim, esses

artistas encontraram maneiras de criar. Essa força e essa persistência estão presentes nos filmes. Ao mesmo tempo, são obras profundamente enraizadas em seu contexto, muito ligadas a um tempo e a um lugar específicos. Funcionam

tanto como narrativas quanto como registros históricos, verdadeiras cápsulas do tempo que revelam modos de vida, sensibilidades e formas de pensar que emergiram sob as condições da ditadura”, destaca o idealizador.